**(E) - Entrevistador**

**(P) - Professor entrevistado**

*[Na entrevista deste professor, o áudio não foi registrado desde o início, e, devido ao tempo limitado do professor, não foi possível reiniciar a entrevista. As perguntas de 1 a 6 do formulário foram registradas apenas de forma escrita no formulário do Google. Após perceber que não estava sendo gravado, iniciou-se a gravação e a entrevista foi retomada]*

**P:** Já? Tá, então vê só. É… A grande questão, o grande desafio é a escola brasileira como um todo, que ainda é muito tradicional. Quando eu digo tradicional, não é a forma de ensinar as cadeiras. Isso aí a gente já sabe que é. O que eu falo é que a escola ainda é muito analógica. E eu acho que ela está bem longe, anos-luz, desse aluno digital. Como é que eu posso ensinar analogicamente para um aluno digital? Os nativos digitais. Então é isso que eu acho que ainda faz com que as escolas, de um modo geral, não sejam um espaço agradável para os alunos, é um espaço de obrigação. Claro que um ou outro prefere o tradicional, né? Mas as próprias famílias, muitas vezes, assim, ah, a gente quer uma coisa, mas se a gente chega com algo diferente, a gente pode ser olhado como um professor que tá... Por que tá trazendo isso? Isso não é aula, entendeu? Então, essa questão da cultura analógica, ela ainda é muito presente nas escolas e nas famílias.

**E:** Você já usou, tá familiarizado com esses sistemas tipo chat GPT?

**P:** Sim, certo. É, já. Agora eu não tô enxergando direito aqui porque eu tô sem os óculos.

**E:** Eu posso ler. É só perguntando se já tá familiarizado. Se já usei, se tô familiarizado mas não usei…

**P:** Já, já, já.

**E:** Pronto. Aí, aqui tem: quais benefícios que tu vê, né, nesses sistemas de linguagem na educação. Aí tem opções…

**P:** Engajamento, com certeza. Aprendizagem personalizada, criação de conteúdo… tudo.

**E:** Tudo? Mais alguma coisa?

**P:** Não, tudo, não porque é aquela coisa, você… a gente quer até avançar, mas isso aqui é o que, na verdade, não é *a instituição de ensino*, especificamente. A escola brasileira, de um geral, ela nos limita, vai até aí, entendeu? Porque a gente também tem uma família que se a gente trouxer tudo muito… Também tem aquela questão de como as salas são numerosas, né? Eu tô agora numa sala até com um número bom, que tem o quê? 28, 30. Na sua tinha 50. E outras turmas em que a gente percebe, assim, 45, 45 de terceiro ano. No terceiro ano é mais difícil a gente trazer isso. Pelo menos no primeiro semestre, quando tá mais perto. E essas ferramentas, por exemplo, eu as utilizo mais nas revisões para o Enem, no terceiro ano, né? E no segundo semestre também, mas pra revisar o vestibular, não é nem aquele conteúdo, aquele capítulo, aquele tópico, entendeu?

**E:** Pronto, aí aqui tem, ó, quais desafios ou preocupação possui em relação ao uso dessas ferramentas e da tecnologia?

**P:** Falta de treinamento, não.

**E:** Não? Aí, preocupações éticas, plágio, privacidade?

**P:** É.

**E:** Aí, tem limitações tecnológicas, como acesso à internet e hardware?

**P:** Não.

**E:** Preocupações pedagógicas, como substituição da interação humana...

**P:** Mas não é uma preocupação… É, bote, porque assim, a escola não se faz somente comigo, né? Porque se eu, vamos supor que eu queira fazer uma atividade, o fato de hoje em dia, vamos lá, hoje em dia as escolas proíbem, é lei, o celular na sala de aula, a não ser em casos específicos de uma atividade, né? Mas… E isso por si só, se a gente trouxesse essa cultura com mais evidência em todas as disciplinas, eles saberiam o momento de usar e guardar. Então a gente já está vivendo uma celeuma muito grande que é limitar o uso do celular, da tecnologia na sala de aula para que o menino não se desconcentre. Então veja, veja que contramão, a gente está numa dualidade muito grande aí. A gente quer usar, a gente sabe que eles são digitais, por outro lado, Esse digital que eles vivenciam é considerado um elemento que atrapalha a aprendizagem. Vê um choque. É contratório.

*[Houve uma pequena conversa paralela sobre escolas bilíngues e depois foi retomada a entrevista]*

**E:** É isso. Pronto, aí tem a opção de outros. Aí eu poderia colocar essa questão de limitação cultural.

**P:** É, cultural, limitação até do próprio sistema educacional brasileiro. Entendeu?

**E:** Entendi. Aí tem aqui, perspectivas futuras. Que tipo de suporte ou recurso você precisaria para integrar efetivamente os LLMs e outras tecnologias na sua prática de ensino? Aí é uma pergunta aberta.

**P:** É, eu falo aí depois você pode até escrever se você quiser. Eu vejo mais que não é o material em si, mas é a própria cultura de educação e de formação, de aprendizagem, formação pedagógica no Brasil. Primeiramente, a gente tem que começar com o abstrato. A gente tem que não desmantelar, porque desmantelo é uma coisa muito… né, mas a gente tem que começar a trazer de maneira híbrida esse ensino tradicional e o ensino valorizando as LLMs. E isso, evidentemente, tem que ter um diálogo muito mais aberto com as famílias, para que as famílias entendam. Que nós estamos no século XXI e que pra gente fazer esse aluno aprender o modelo tradicional, ele não vai deixar de existir por enquanto, mas a gente está no futuro, não é mais só isso, de que adianta eu trocar 100% o celular, o tablet, as novas tecnologias de comunicação e informação por um livro, tradicional. Quando eu falo disso, muitas vezes, alguns alunos até dizem, eu prefiro, mas tá uma hora que eu gosto, eu prefiro o livro físico ao livro eletrônico, né? Ao Kindle e os e-books da vida. Então, acho que, primeiramente, a gente tem que começar a modificar essa cultura de pensamento, de atitude, para depois a gente pensar coletivamente que tipo de recursos a gente vai trazer. Até porque a gente já conhece os recursos, os alunos até mais do que a gente. Inclusive, perguntar a eles, eu acho que é interessante isso, a interação, ela parte do, e aí, como é que vocês gostariam? O que é que vocês sugerem? Porque eles sabem muito mais do que a gente. Pronto, é isso.

**E:** Tem até o qual o papel das tecnologias que, na tua visão, nos próximos cinco anos?

**P:** Ah! Nos próximos cinco anos, eu acredito que seja mais e mais e mais. Inclusive, por isso que eu sugiro que seja já de agora, que parta de agora, essa quebra de paradigma do tradicional, que a gente vá, de fato, porque os meninos já vivem isso. Por isso que o menino precisa amar vir pra escola, entendeu? Amar vir pra cá. E eu vou embora que eu tô em aula…

**E:** Mas calma que tem mais um pouquinho mais!

**P:** Tem mais, é?

**E:** Tem, mas tá acabando, só uma última aqui, que é só compartilhar a experiência, sugestões…

**P:** É, as sugestões é aquilo que eu falei. Eu acho que tem que partir do sistema educacional como um todo, né? Pra escola fazer diferente. Porque as escolas que já fazem diferente, elas, claro, o tradicional parte, inclusive, do próprio número de alunos na sala de aula, para que a gente possa dar mais atenção, né? Para que o menino possa, inclusive, compartilhar mais à vontade com a gente aquilo que ele deseja, né? E, evidentemente, que a gente vai encontrar intersecções por aí, porque eu também acho que deveria ser assim. A escola, ela precisa ser um lugar que o aluno goste de vir, o estudante goste de estar. Mas se esse menino é digital e ele vem para uma escola analógica, aí ele vem por obrigação. Entendeu? Porque a família manda. Então a quebra de paradigma tem que ser da família, do sistema, lá em cima, escola e família junto. E, evidentemente, os docentes. Os docentes, quando eu falo escola, os docentes também têm que estar aqui, não é isso? Eu, assim, eu sei que tem alguns colegas que têm mais dificuldade, outros menos. A pandemia, nesse sentido, adiantou para alguns. Eu já vivenciava, já gostava, mas, assim, eu vi colegas sofrerem na pandemia, entendeu? E agora... **E:** Meio que obrigou todo mundo.

**P:** É, exatamente.

**E:** Ótimo, Obrigada!